

ATHAYDE MARCONDES

(Do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo
e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.)

AMARANTOS

VERSOS

(Segunda edição augmentada)

TYP. d' O PAULISTA



ATHAYDE MARCONDES

(Do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo
e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.)

AMARANTOS

VERSOS

(Segunda edição augmentada)

Typ. d' O PAULISTA

A'
CIDADE DE
TAUBATE'

MINHA TERRA NATAL

O. D. C.

Este livro è a historia de mi-
nha vida. Minha vida tem sido
a continuidade de circumstan-
cias todas contrarias, todas va-
riadas.

.
Estes cantos são meus dias anti-
gos, são minha vida vivida, são
todo o meu passado.

JUNQUEIRA FREIRE.

.....escribo em mi loco desvario
Sim ton, ni son, y para gusto mio.

Sin regla, ni compàs canta mi lira
Solo mi ardente corazon mi inspira.

ESPRONCEDA

À MINHA MÃE

« Bemdita sejas tu »

Bemdita sejas tú, ò Mãe querida
Em cujo olhar sereno eu vejo a luz,
Que me illumina a estrada desta vida
E do Bem ao caminho me conduz.

Tua immensa bondade e as caricias
Que commigo repartes docemente!
São consolo e são intimas delicias
Para o meu padecer cruel pungente.

Bemdita sejas tu ! Quando sosinho
Tantas penas soffri no apartamento
De um amor—cujo seio era meu ninho
Tu me déste consolo ao soffrimento.

Quantas vezes cruciava-me a Saudade
Por perder esse Amor que idolatrei !
Em tua alma replêta de bondade
Consolo ás minhas dores encontrei.

Por isso, ò minha Mãe, eu te bemdigo,
A ti, que ès na vida meus encantos.
—Em teu regaço sacrosanto e amigo
Eu venho desfolhar meus AMARANTOS.

FITANDO O MAR

Ao Alvaro Guerra.

Oh ! se eu tivesse as azas de Albatroz
Para transpor do Mar a immensidade,
Sem temer rijos ventos, tempestade.
—Um grande temporal medonho, atroz;

Eu iria, n'um voo audaz, veloz,
Mitigar desta dor a clueldade
—Dor immensa de indomita saudade,...
Mas... se eu tivesse as azas de Albatroz !

Oh ! mar oh ! mar bravio, vasto, infindo,
Que não sentes a dor que estou sentindo
Leva-me, ò Mar, à tua profundeza !

Assim verás que dentro de minh'alma
Se agita, como tu, bravo, sem calma,
Outro mar de nostalgica tristeza !

Paranaguá.

PAIZAGEM

Ao Ramos Arantes

O rio desce meigo, mollemente
Doce e meigo desce.- deslizando...
O sol no occaso foge lentamente
Preguiçoso seus raios apagando.

Vê-se ao longe a palmeira tremulando
Verde, gentil, á beira da corrente
E um bando de pombas voando, voando
Alegres, para os lados do occidente.

Levando um par ditoso, uma canoa
Timida e fragil, aligera e atoa
Pelas ondas do rio além fluctua...

E desce a noite fria e majestosa!
—Toda faceira, esbelta e luminosa
Apparece no céu formosa Lua!...

NO TUMULO DE ZILAH

Ao dr. Claro Cesar

Neste tumulto descança
O corpinho regelado
De encantadora creança
—Celeste anjinho adorado.

Sua alma pura, innocente
—Inda mais branca que o lyrio,
Partiu da terra contente
E foi brincar — la no Empyrio!

CECILIA

Oh ! minha filha ! que infinda
Satisfação sinto em mim !
—É que eu te acho tão linda,
Mas linda que um cherubim !

Eu me julgo venturoso
De possuir-te ó, minha filha !
A um teu olhar luminoso
Minh'alma toda se humilha !

Quando tu foges do leito,
—Como um gentil passarinho
Que vae fugindo do ninho
Prasenteiro e satisfeito ;

Eu fico alegre, contente,
Por não te ver mais dormindo,
Porque despertas sorrindo
Beijando-me alegremente !

Tu ès mimosa creança
A alegria de meu lar.
—És suave como o luar
—És linda como a Esperança !

OS OLHOS DE LAÍS

Ao poëta Luiz Pistarini.

Quando leio teus versos, Pistarini,
Tão cheios de harmonias, cadenciosos,
— Symphonias tão bellas de Rossini
— Turbilhão de accordes languorosos ;

Eu julgo ouvir os cantos harmoniosos,
Os harmoniosos cantos de Bellini.
Sinto minha alma e coração anciosos
Quando leio teus versos, Pistarini.

Se minha lyra como a tua fosse
Talvez eu dedilhasse um canto doce,
Um canto, que ella, pobre, não dedilha.

E eu desejo cantar... mas como em fim ?
— Empresta-me teu rico *Bandolim*
Para eu cantar os olhos de tua filha !

PARTINDO

Ao Pedro Silva.

Ai ! vou partir ! saudoso peregrino

Levo a saudade e deixo o coração !
E. Zaluar.

Neste triste momento da partida,
Sem te ver ao meu lado, lacrimoso,
Sigo o caminho rígido, escabroso
Sem dizer-te o Adeus da despedida.

Minh'alma geme tetrica e sentida
Meu coração, de amor, treme saudoso !
— E' chegado o instante doloroso
O doloroso instante da partida !

No momento cruel que é dado agora
Sigo, meu anjo, pela estrada em fôra
Levando o coração de maguas cheio,

E em minh'alma a lembrança dolorida
Saudade deste amor, que é minha vida,
— Rispida sétta que me rasga o seio !

Dezembro de 1884.

LONGE !

*. . . . longe de ti meu astro de alegrias
Como a custo supporto a tua longa ausencia.
D. Ibrantina Cardona.*

Aqui, tão longe, sem te ver, Maria,
Sem gosar teus affectos, teus carinhos ;
Longe de nossos timidos filhinhos,
— Anjos da Paz e anjos da Alegria,

Minh'alma plange, em doce nostalgia,
Meu coração de dores se traspassa
E noite e dia tristemente passa
Aqui, tão longe, sem te ver. Maria !

Se eu pudesse, querida, voar... voar...
Destas paragens onde estou saudoso
Para ir nos teus braços repousar...

Quanta alegria !... no emtanto pesaroso
Vivo os dias e as noites a scismar,
Sem ver ao menos, teu olhar bondoso.

LAPA. PARANÁ.

RITORNO

.vuelvo aqui
Enfermo y fatigado perigrino
Em busca de la calma que perdi !

Eis-me de novo em minha terra amada !
 — Aqui è bello o cèu-cheio de encantos.
 Não mais dos olhos verto amargos prantos,
 Não mais minh'alma geme amargurada.

E que tristeza tão desesperada
 No meu peito senti, dorido,.. e quantos
 Pezares eu soffri tão longe ! ai, tantos
 Que nem eu sei, ò alma idolatrada !

Eis-me de novo em minha terra ! agora
 Sinto que vivo mais alegremente
 E minha alma nostálgica não chora !

Junto de ti me julgo mais contente
 Já não soffro as torturas de outr'ora
 Sinto-me bom e forte—alegre e crente !

CORAÇÃO

Ao Alexandre Mendes.

Que tens tú, coração que te feneces
Tu, que outr'ora viveste alegremente ?
Que dor cruel, terrível e pungente
Dilacera-te tanto ? — que padeces ?

Porque horas e horas te intristeces
E palpitas e choras descontente ?
— Não chores, coração, vive contente
Pois de amores e vida inda careces.

Ja não vive a mulher que idolatravas
Por quem de amor, sonhando, palpitavas,
Vê pois, ò penitente, o que preferes :

— Amas um tumulto, sonhas um altar !
Pódes morrer e pódes inda amar !
Diz-me tu, coração : — que mais tu queres ?...

NOSTALGIA

Ao Manoel Venancio.

Nestas paragens, nestes retiros
Nestes desertos, longe do lar,
Sinto saudades, sòlto suspiros
A' tarde levo, toda a scismar.

Ai ! que tristeza, que nostalgia
Rapidamente meu seio invade
Quando se vae findando o dia,
Sinto em mlnh'alma tanta saudade !

Sae-me dos olhos amargo pranto
Sòlto do peito tristes suspiros
— E' que não vejo quem amo tanto,
Nestas alturas, nestes retiros.

Vae, ò saudade, vae repousar
Languidamente, tristonhamente,
No seio della — fica à scismar,
Leva-lhe todo meu pranto ardente.

Falla-lhe a sòs e amorosamente
Roça-lhe os lábios, sem ter receios.
Diz-lhe que vieste, tão friamente,
Bem com um dardo, ferir-me os seios.

Quanta tristeza, meu peito encerra !
Vivo chorando esta nostalgia,
Longe, distante de minha terra
Distante,.. longe... de ti, Maria !

LIBERDADE

Ao dr. Affonso Celso

*Liberdade ! não morreste,
Tens erguida tua bandeira !*
José Bonifacio.

Tu surgiste triumphante
Da Patria no solo amigo,
Heroica — como um gigante
Para calcar o inimigo !

Quebraste os grilhões pesados
Dos escravos, que, algemados,
Gemiam humildemente.
Fizeste nascer a Aurora
Como a luz encantadora
Do bello Sol do nascente !

Bem dita sejas, Bem dita
Tu, que surgiste de novo
Para affagar a desdita
E a lagrima de um povo !

Tu te ergueste, luminosa,
Cheia de fé, vigorosa,
Levantando uma Nação !
Neste bello e grande dia
Partiste com energia
Os ferros da Escravidão !

13 de Maio de 1888.

—O—

NO ALBUM

Da senhorita Maxima Silva

Quando eu tive a ventura. noutros tempos
De ver Vossa Excellencia,— uma alegria
De mim se apoderou e um sentimento
Em minh'alma brotou—a sympathia.

Hoje que volvo aqui, nestes logares,
Onde outr'ora deixei meu coração,
Eu trago neste cantico singello,
Um outro sentimento—a gratidão!

Feliz quem como vós, vive sorrindo
Cantando as illusões da Mocidade.
Eu não, que vivo sempre forasteiro
Chorando amargamente uma saudade!

Porisso, Excellentissima Senhora,
Não póde a lyra entoar alegre canto,
E na folha olorosa deste Album
Deixo cair a gotta de meu pranto.

A qui fica o meu nome, e possa um dia
O vosso delicado coração
Reconhecer que levo dentro d'a'ma:
-- Sympathia, amisade e gratidão!

Campos, 1900.

À GIULETTA DIONESI

Eximia Violinista

Quando eu ouço, ó creança, a nota melodiosa
De teu doce instrumento, o magico violino,
Minh'alma se extasia e presa languorosa
Parece que está ouvindo um cantico divino.

Tu és, genial creança um assombro, um portento !
Tens em tua alma de artista a alma sonhadora.
Ainda tão pequena e o fogo do talento
A illuminar-te a fronte angusta, encantadora !

Porisso neste canto, ó artista divinal,
Mil applausos eu venho alegremente dar-te.
Tu, no mundo, não tens um unico rival
Porque tu és um genio e és a propria Arte !

1891

TRESE DE MAIO

Ao Marcolino Silva.

Entregue ao despotismo, ás iras da desgraça
Chorava amargamente a triste e negra raça.

Em cada olhar do negro, em cada olhar tremente
Transparecia a dor, a lagrima pungente !

Gemia tristemente em lagrimas banhado
O pobre negro então por todos despresado.

E a Humanidade inteira—o odio, a maldição,
E um grito de terror, lançava á escravidão.

E veio o grande dia ! Á luz da sã Verdade
Cahio a escravidão ! surgiu a Liberdade !



TUA VOZ

À senhorita Marietta Cesar.

Eu me sinto deveras fascinado
Ouvindo as sonoras harmonias,
Dessas notas—tão doces symphonias,
Quando corres os dedos no teclado.

Mas se cantas tambem, tu me extasias
Com essa voz de um timbre delicado,
E me sinto tambem arrebatado
A um mundo de illusões e phantasias.

Canta outra vez a *Mia piccirella*
Com tua voz seductora, argentea e bella,
—Voz de um anjo do ceu, pura e divina.

Canta ! tua voz tão cheia de doçura
Tem, um mixto de amor e de ternura
Que me prende, arrebatada e me fascina !

1899.

BERÇO, TUMULO E ALTAR

Pede-me um berço quejido
Que eu me conduza ao altar
P'ra outro ninho florido,
Num seio amigo encontrar.

O tumulo que adoro tanto
Me chama tambem chorando.
Por vel-o chorar não canto
Tambem vivo soluçando !

O altar então me espera
Com sonhos, risos e flores,
Entoa um hymno—a chiméra,
N'um seio pleno de amores.

O berço—péde-me um ninho
O tumulo—tambem me quer.
Diz-me o altar de mansinho :
—« Vem amar outra mulher ! »

Minh'alma de amor captiva
Contrictamente se exhorta.
Ama, sorrindo, uma viva
Cantando — adora uma mórtua.

Darei ao tumulto querido
Minh'alma cheia de unção.
Ao berço e ao altar florido
Meu amor e coração!

—O—

TEUS OLHOS

*Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração.*

G. Dias.

Esses teus olhos tão lindos,
Tão ternos, e seductores
São dois gentis pyrilampos
São dois formosos amores.

Inda não vi olhos limpidos
E formosos como os teus.
— São dois astros refulgentes
Que scintillam la nos ceus.

1880

MAR EM FÓRA...

Ao Trajano de Almeida.

*Não vimos mais em fim, que mar e ceu.
Camões.*

Branças velas batidas pelo vento,
Mar em fóra, levavam-nos distante,
Meu coração se encheu de sentimento
Por te não ver, querida, nesse instante.

No doloroso e triste apartamento
Minh'alma, atribulada e soluçante,
Gemia,— como o tetrico lamento
Do mar, que então rugia espumejante.

Era a hora em que o Sol sem luz fugia
E a noite começava, escura e fria,
Sobre nós, estender seu negro veu!...

Mar em fóra sigrámos soluçando
E montanhas azues então deixando
«Não vimos mais em fim que mar e ceu!»

Bordo do "Santos"

RUINAS

Ao dr. Mario de Magalhães

I'vo piangendo i miei passati tempi.
Petrarca.

Sinto chegar-me a hora derradeira
A derradeira hora desta vida!
Minh'alma—como ave forasteira
Em breve pelo ethereo irá perdida.

E uma voz gemedora fementida,
Falla-me aqui no intimo agoureira,
-- É a voz do coração que, enfraquecida,
Me vem interrogar a vez primeira:

— « Porque sonhaste, trovador, outr'ora
Que fizeste de tua juventude
E de tua mocidade encantadora? »

Eu não escuto — a!... tímido e calado,
Neste momento pesaroso e rude,
Sinto apenas saudades do passado!

— O —

A TOUREIRA

Ao João Ribeiro Filho.

Combrem-lhe o corpo vestes cor de rosa
Bordadas de alamares, fios d'ouro
As tranças lindas do cabello louro
Ordulam pela espadua magestosa.

A multidão a espera afflictta, anciosa,
Chamando ao circo o indomavel touro.
Ouve-se ao longe de um foguete o estouro :
— É o signal para a lucta perigosa !

Eil-os no circo ! — de vermelha capa
A toureira ligeiramente escapa
Do bravo touro astuto e altaneiro !

A multidão app!aude-a satisfeita !
Mas a toureira activamente espreita
As negaças do touro marralheiro !

—O—

PINDAMONHANGABA

A meus filhos

*Terra de minha Patria, abre-me o seio
Na morte ao menos
Garret.*

I

Vejo-te sempre encantadora e altiva
Altiva, encantadora e prasenteira.
Cerca-te além cerulea Mantiqueira
Como se fosses della uma captiva !

Ó PRINCEZA gentil, ó hospitaleira
Terra querida, esplendida e attractiva.
—Mimo do norte, cidade feiticeira
Vejo-te sempre encantadora e altiva.

Foi aqui que eu, em toda plenitude
Passei cantando a minha juventude
Gosando dos amores o conforto...

Dá-me porisso em teu regaço amigo
O meu ultimo leito — o meu jazigo
—Recebe-me tambem depois de morto !

I I

*Aqui o ceu azul, as selvas virgens
O ar, a luz, a vida a Liberdade!*
F. Varella.

Ó PINDA, — formoso berço
De meus filhos — meus amores.
Quizera num canto terso
Decantar os teus primores.

Como és encantadora
Ó magestosa cidade,
E bella alma sonhadora
Não tem tanta magestade !

Quando o terno Parahyba
Vem te oscular com languor
Teu labio como que liba
O suave effludio do Amor.

E tu te sentes vaidosa
Ao receber esses beijos
Como uma moça mimosa
A enlanguecer de desejos.

Ó PINDA dos meus amores
— Mimosa nympha adorada,
Tu tens os fulvos fulgores
De uma noite enlutarada.

No ceu azul que te enfeita
— Cupula immensa a fulgir.
Corre o luar que te espreita,
Cantarolando, a sorrir.

Teus vastos e verdes campos
São jardins cheios de flores
Onde á noite os pyrilampos
Voam soltando fulgores.

Tem magestade tuas mattas
Teus montes—tanta opulencia
Donde formosas cascatas
Se desprendem com fremencia.

Que ceu tão bello e azul
— Tenue manto de escumilha,
Onde o Cruzeiro do Sul
Fulgentemente rebrilha !

Deu-te pois, a natureza
 Tudo que é grande e tão bello.
 Fez-te opulenta Princeza
 — « Senhora de algum castello »

São as tuas filhas bonitas
 (Que requebros que ellas têm !)
 Formósas assim, catitas
 Não ha no mundo ninguém.

Oh ! terra grande e bendita
 — Meu doce e encantado enlevo
 Minh'alma agora palpita
 Nestes versos que te escrevo.

Foi aqui que tanto amei
 Como ninguém sabe amar,
 Canções de amor eu cantei
 Nas noites d'alvo luar.

Salve ! invicta cidade
 — Berço de tantos heroes,
 Onde á luz da Liberdade
 Resplandece como os soès.

**LIVRO
DE
AURORA**

VERSOS Á AURORA

Beija-me ; um beijo ainda — o derradeiro.

Oscar da Gama.

Eramos sós na sala. — Não ouviamos
Leves ruidos de quem quer que fosse.
Tudo que fallavamos,
Tudo que sentiamos,
Tinha um não sei *que* de bello e doce.

Na solidão da sala,
Inibriado e timido e nervoso,
Eu não ouvia senão o som mavioso
De tua doce fala.

Tu me disseste — tímida também,
Te abraçando de amor e quasi louca :
— « Tu vaes partir ? — pois leva este veneno »
E me beijaste a bocca !

E o beijo que me deste embriagou-me
Tanto, que nem sei
Se em troca desse beijo,
Teus labios rubros eu também beijei !

Dá-me pois, outro beijo
Doce, bem doce, como o mel de abelhas.
Quero beijar, n'um impeto, teus lábios
E tuas faces vermelhas!

Sei que os beijos ardentes são venenos
Que matam de repente!
Mas... que m'importa, mata-me depressa
Com teu beijo sensual e doce e quente!

— 0 —

TEUS OLHOS

*Teus olhos negros, ardentes,
Dizem volupia nas chammas,
Que vibram no scintillar.*

Macedo Junior.

Os olhos de minha amada
— Tão cheios de fogo e luz.
Tem uma cor que me agrada
Que me enfeitiça e seduz.

São uns olhos tão accesos,
E brilham de um modo tal,
Que eu sinto os meus nelles presos,
Mas de uma fôrma infernal !

Nenhuma estrella nos ceus
Tem tanto brilho, ó Senhora,
Como tem os olhos teus
Resplendentes como a Aurora !

Elles parecem archotes
De scintillante fulgor.
— São como dois hollophotes
De brilho fascinador !

Às vezes, nos teus olhares,
Eu vejo um fulvo clarão,
Mais bello que esses luars
Dessas noites de verão !

São teus olhos tão accesos
E brilham de um modo tal,
Que eu sinto os meus nelles presos,
Mas de uma fôrma infernal.

—O—

AUSENCIA

« Dois corações que se apartam
Qual delles mais penas tem ?
— O que vae para ficar
Ou o que espera por alguém ? »

Tu recitaste aquelles versos quando
Eu te disse o — adeus, de despedida,
Foi cruel o momento da partida
Não choraste mas eu parti chorando.

Suppuz deixar-te ao menos soluçando
E ver-te, meu amor, por mim sentida.
Mas não vi uma lagrima dorida
Em tuas faces pallidas rolando !...

Não me foi dado nesse triste instante
Responder-te porque, frebricitante,
Minh'alma se batia na anciedade !

No emtanto venho agora responder-te :
— Mais penas soffre quem não póde ver-te
Vivendo ausente e cheio de Saudade !

—O—

NA PRAIA

No dia em que partiste
Fiquei triste a chorar.
E tu? — ai! nem sentiste
Teu seio palpitar.

Aligera fugiste
Em busca de outro lar
E, eu fiquei tão trite
Chorando á beira mar!

Gravei então na areia,
De lindas conchas cheia
Teu nome idolatrado...

A onda o apagou
Mas elle ainda ficou
Em meu peito gravado.

Mangaratiba 95

QUANDO PASSASTE...

Naquella tarde, quando tu passaste
Alligera sorrindo de contente,
Fiquei pensando em ti profundamente
Porque Senhora, nem sequer me olhaste.

De certo, distrahida, não pensaste
Que me fizeste esse mal inconciente.
Vieste ferir meu coração ardente
Naquella tarde, quando tu passaste.

Nem tu sabes mulher, quanto soffri
Em meu peito, que arqueja só por ti
Em minh'alma, que tu já a dominaste!

Eu quiz de perto contemplar teu rosto
No entanto só me deste atro desgosto
Porque Senhora, nem sequer me olhaste!

TEUS SEIOS

Os seios teus mimosos
Tão bellos, tentadores,
Trescalam, como as flores,
Perfumes deliciosos !

—São dois pombos formosos,
Gentis, provocadores.
—Estufa, onde ditosos
Se ardem meus amores !

Sê tu bella, morena
—Cleópatra formosa
Mulher de meus desejos.

Eu quero sem ter pena
—Qual Áspide raivosa
Pical-os... com meus beijos !

—O—

ALTIVA

Eu vi-te ! Eras altiva,
Teus gestos tão diversos.
Ficaste toda esquiva
E não . . . leste meus versos.

Meus olhos . . . dois perversos,
Te viram, minha Diva,
Em lagrimas immersos,
Pois, eras tão altiva ! . . .

Eu li, nessa altivez,
A doce embriaguez
Do amor que tu sentiste!

Altiva, — eras mais linda
Amei-te mais ainda,
Porque de mim fugiste!

VAIDOSA

Ao Julio Silva.

Tu olhas para mim mas bem conheço
Que esse olhar seductor que me derramas,
E' fingido, porque tu me não amas
Eu bem sei, teu amor, não o mereço.

Quando desprendes sobre mim as chammas
De teu limpido olhar, vivo e travesso,
Nem tu sabes mulher, quanto padeço,
O meu peito, de amor, doudo o inflamas.

Bate-me aqui um coração afflicto
E minh'alma suspira dolorosa
Supplice querendo o teu olhar bendito.

Mas tu, senhora perfida e vaidosa
Em vez do olhar que peço te contricto
Zombas de mim altiva e desdenhosa.

TEUS PÉS-

Esses teus lindos pesinhos,
Tão delicados, gentis,
—São como os pés dos anjinhos,
Que pisam brandos, subtis !

Nunca vi pès tão pequenos,
Galantes, lindos, mimosos.
Quando andam... são serenos
Quando pairam... melindrosos.

SERENATA

Abre a janella de teu quarto, Aurora
A janella que dá para o jardim.
Quero beijar tua frónte encantadora
E tua bocca a rescender jasmim!

Escuta a serenata melodiosa,
Vem bem perto de mim, vem a meu lado.
—Vem ver a lua como está invejosa,
Por não ter, como tens, um namorado...

Resoa o som da flauta pelo espaço!
—Escuta como é bella a serenata!
Deixa-me encostar no teu regaço
Para ouvir esse canto que arrebata!

A BORDO

Ao Chagas Pereira

Vamos singrando tristemente, vamos
Presas as velas, mar bravio ao largo
E num profundo e tétrico lethargo
Nostalgicos, saudosos navegamos.

Do tombadilho apenas avistamos
O mar e o ceu! — Oh! como é triste e amargo
E doloroso, mar em fóra, ao largo,
Partir sem vermos a mulher que amamos.

Se a onda verde-azul encapellada
Do mar furioso me levar consigo
Á sua profundeza, ó minha amada;

Chora e geme por mim que te bemdigo
Que minh'alma saudosa, ao ceu alada
Hade gemer e suspirar contigo.

DISTANTE

Ao João Penna.

Como padeço longe... distante
Dessa que eu amo, dessa que adoro!
Nem um momento, nem um instante
Posso esquecê-la !... padeço e choro

Choro e padeço tanta tortura
Tristes saudades que dilaceram.
Meu peito é o ninho da desventura,
De tantas dores que desesperam !

Ai ! desesperam, maltratam tanto
Que muitas vezes quasi assassinam.
So tenho allivio se choro o pranto
Destas saudades que me dominam !

E nem tu sabes, nem imaginas
Quanta tortura meu seio invade,
São dores lentas, dores ferinas.
Reproduzidas pela Saudade !

Saudade! solta teu voo altivo
Vae e repousa no seio amigo
Dessa que eu amo, porqueim eu vivo
— Ninho de amores, ditoso abrigo.

Abrigo, aonde pódes contente
Cravar tua setta tão deshumana.
Mas não a mates, mostra somente,
Quanto és ingrata, quanto és tyranna.

Como eu padeço longe distante
Dessa que eu amo, dessa que adoro
Todas as horas e todo instante
Por ella geino, suspiro e choro!

Ponte Nova, Minas.

—O—

SUPPLICANDO

Não sei porque te zangas, minha amada
E me lanças olhares fulgurantes,
Cheios de chispas, ríspidos, vibrantes,
—Relampagos em noite enlutarada.

Dá-me um olhar como me davas dantes
Com lampejos de limpida alvorada.
Esse olhar que não vibra a punhalada
—Funesto olhar de lubricas amantes.

Dá-me um olhar sereno e meigo e lindo
Como outr'óra me davas tu, sorrindo,
Menos zangada, com ternura e calma.

Assim!... — que delicado e doce olhar!
Elle vem — como um raio de luar
Reflectir-se no lago de minh'alma!

—O—

A ALGUEM

Não te fallo de amor pois, tu bem sabes
Quanto te amo e quanto te idolatro.
Quero apenas dizer-te o q'esta alma sente
E sente o coração maguado e atro!

Um dia tu fingiste amar-me e cedo
Cruel me abandonaste... e a crueldade
—Como um dardo ferio-me e acremente,
Consumindo-me a crença e a mocidade.

Hoje te ris de mim, foges ligeira
Quando me vês ancioso a procurar-te
Se te busco de novo—me despresas
Mas eu te vejo sempre em toda parte!

Foste tu bem culpada dos pezares
Que soffro neste instante amargurado.
Se pequei, foste a causa, meu amor,
Heide agora penar o meu pecado.

Sempre altiva, oh ! tu não procuraste
Sondar aqui bem dentro de minh'alma...
E ver o que soffri por ti, Senhora:
—A dor que me consome e não se acalma

Se podesses, de lance, revolver
Teus olhares crueis para o passado;
De certo chorarias de saudade,
Bem como de saudade eu hei chorado!

—O—

OUVINDO UM CANTO...

¡ Bésame com las rosas de tus labios!

¡ Bésame com los astros de tus ojos!

R. Villalobos.

Ao doce som dessa musica encantada
Que arrebatá minh'alma neste instante
Vem junto a mim, formósa enamorada
Vem dar-me um beijo longo, inebriante.

Amemo-nos que amar é uma ventura
Quando dois corações se ardem de amor.
Deixa eu libar de teus labios a doçura
Como se liba o mel de alguma flor.

Amemo-nos!... recosta-te em meus seios!
Quero beijar tua bocca doce e quente...
Quero sentir os lúbricos anceios
Que toda alma apaixonada sente!

Une teu peito no meu peito amante
Teus olhos vivos—nos meus olhos fita!
Dá-me um beijo também—doce calmante
Para o meu coração que ora palpita!

Amemo-nos, Senhora,—amar é o canto
Que prende o coração e a alma domina,
E' tambem não sei *que* pleno de encanto
Que embevece, que atrae e que fascina!

Amemo-nos que amar é uma ventura!
Oh! mata, neste instante meus desejos!
De teus labios—tão cheios de doçura,
Solta-me agora um turbilhão de beijos.

—O—

TEUS LABIOS

Esse macio de teus labios causam

Frenesi que transporta, que enlouquece.

G. Dias.

Teus labios tão quentes
Tão doces, ardentes
Beijei-os com ancia!
Que mel elles têm!
—Exalam também
Tão suave fragancia!

Meu Deus! quem me déra
Se acaso sévêra,
Senhora. não fosses,
Beijar todo dia,
Com toda ufania,
Teus labios tão doces!

Tu lembras, querida?
—Minh'alma perdida
De amor por teus beijos
Sentia (eu confesso)
Amor em excesso
Paixão e desejos...

Que aroma teus lábios
Sem leves resabios
Tão suave soltavam!
Não sei que ventura
Senti, e que doçura
Teus lábios me davam!

Beijei-os num goso
Que peito amoroso
So o pôde sorver...
Quem déra senhora
Beijal-os agora...
Beijar... e morrer!

Que morte serena
Gostosa e amena
Meu Deus, não seria?!
Morrer de desejos,
Morrer dando beijos,
Quem não morreria?!...

Ai! labios mimosos
Tão doces gostosos!
—Quero inda beijal-os!
Beijemos assim,
Num goso sem fim,
Em brandos estalos!

Um beijo assim dado,
Com todo cuidado,
Mais doce que o mel;
E' beijo que mata
Que a alma maltrata!
—E' um beijo... cruel!

—O—

CARINHOSA

Ha uma occulta mão que me conduz
Por uma estrada ingreme, escabrosa!
No céu nem uma estrella luminosa
Para guiar-me ainda não reluz!

Fujo da treva! e se procuro a luz
Vejo a noite mais lúgubre e trevosa.
E a sorte, sorrindo esperançosa,
Pelo mesmo caminho me conduz.

Mas detestando minha vida, eu vivo
Sem um conforto e sem um linitivo,
Maguas chorando,—padecendo horrores.

Só tu, dilecto amor, ouves meus ais,
Por isso eu mais te quero e te amo mais,
—Teus carinhos consolam minhas dores!

O

TEU OLHAR

*De teus olhos amorosos
Partem raios mais formosos
Que os raios da luz do dia.*

F. Varella.

Porque me sinto preso
De teu olhar tão vivo?
—Eu tímido e indefeso,
Ai! delle — eis-me captivo!

Nas noites sem luar,
Em plena escuridão,
Seria o teu olhar
Um astro n'ampidão.

Tem límpidos fulgores,
Mais brilho que um pharol.
Teus olhos tentadores
Rebrilham mais que o sol.

Se acaso tu me fitas
O teu formoso olhar,
Meu coração agitas
P'ra nelle se ir queimar !

Um dia o vi brilhando
Pensei até . . . suppoz . . .
Que Arcturo o illuminando,
Lhe dava inda mais luz.

Não te aproximes, não,
De mim, que teu olhar
Me queima o coração,
— Bem póde-o assassinar !

Teus olhos têm faiscas
Têm chispas e fulgores.
No entanto se m'os piscas
Parecem . . . dois amores !

— O —

PIE DADE

(Do hespanhol)

A noite verte diamantino orvalho
Sobre o botão de perfumada rosa,
Que, ao abrir a coróla, em verde galho,
De diamantes se cobre, venturosa.

Tu és a rosa que essa noite encanta
Orvalho — a lagrima que sae dos olhos teus.
Tu'alma — o collo de ternura santa
Que, piedosa, acalenta os cantos meus.

—O—

BALLADA

Rompe risonha a madrugada
O sol dissipa alvas neblinas.
Alegre canta a passarada
Hymnos, canções e cavatinas.
Que lindo céu ! as auras mansas
E suaves brisas matutinas,
Brincam, sorrindo, pelas îranças
Dos palmeiraes, das casuarinas...

Tu és, Aurora, essa alvorada
Num céu de nuvens purpurinas,
—Ave que canta apaixonada
Canções de amor; canções divinas.
—E's minhas doces esperanças,
—Lyrios e rosas e boninas,
—Sorrisos leves das creanças,
—Harpa em que tanja volatinas!

A linda lua enamorada,
Não tem bellezas perigrinas
Como tu tens, mulher amada,
Quando na mão teu rosto inclinas.
Ao ver tuas lindas, negras tranças
Não sei porque tu me fascinas!
Com esse olhar que tu me lanças
Tu me detens, tu me dominas!...

Ai ! quanto amor ! mil esperanças
Eu tenho em ti—nem imaginas !
Mas com o olhar que tu me lanças
Eu creio até, que me assassinas!...

—O—

A UNS LABIOS

Teus labios são duas rosas
De perfume inebriante.
Deixa eu beijar suas pet'las
Deixa eu beijar... neste instante !

O seu perfume é tão suave
De tal maneira rescende
Que, quando o bebo num beijo,
Minh'alma á tua se prende.

Se tu me deixas libar
Todo o nectar dessa flor,
—Tu te embriagas de goso
—Eu me extasio de amor.

Uns labios como esses teus
Que eu só beijei uma vez
São labios para eu beijar
Duzentas vezes por mez

LONGE DE TI...

*D'amor mi moro
Non ho mai bene
Lontan da te!...*

Metastasio.

Oh! alma de minh'alma. amor de meus amores.
Como eu posso viver ausente assim de ti?!
Bem pôdes avaliar os rispídos rigores
Que estou sempre penando amargamente, aqui!

Si lá na bella plaga, aonde gemi tanto
Tu vives como eu vivo e choras como eu choro,
De certo sentirás a dor do amargo pranto
E esta ausencia fatal que tétrico deploro.

Viver assim tão longe é um rispido martyrio,
Que tanto me atormenta e tanto me tortura.
—E' ter a alma afflicta, em soffrego delirio,
Tragando sem cessar o calix da amargura.

Vem dulcida mulher, viver aqui commigo
Viver junto a meu lado, amor tambem gosar.
Eu quero no teu seio—o meu bemdito abrigo
Alegre e satisfeito amar, dormir, sonhar!

Vem, sim! eu ja não posso aqui viver, tão longe
De ti, porque de horror, minh'alma sinto presa.
Eu vivo aqui tão só—bem como um pobre monge
Num claustro encarcerado e immerso na Tristeza!

—O—

A PARTIDA

Quando partiste... fiquei...
Fiquei pensativo e triste.
Muitas lagrimas chorei...
Quando partiste!

Que funda magua! minh'alma
Tristonhamente ainda trago-a!
Perdi o socego e a calma...
Que funda magua!

Tu não choraste! partiste,
Nem uma dor tu levaste.
Eu fiquei chorando triste
Tu não choraste!

Quando voltares... talvez
Eu não sinta mais pezares.
Não chorarei outra vez
Quando voltares!

BARCAROLA

Voguemos !... nossa barquinha
É tão formosa, – voguemos !
Ella, singrando mansinha,
Irá fluctuando sem remos !

Canta commigo esses cantos
Que cantam os remadores.
A noite tem mil encantos,
A lua tem mil fulgores.

Seus raios tão luminosos
Se reflectem nestas aguas.
Nossos cantos harmoniosos
Disfarçarão nossas maguas.

O rio desce sereno,
Com suavidade e languor.
O ar é puro e ameno,
– Cantemos o nosso amor !

Voguemos! a noite é linda
Nas aguas brilha o luar.
No seio teu quero ainda
Dormir contente e sonhar.

Os remadores singrando
As aguas verdes do mar,
Vogam contentes, cantando
Sempre a remar... a remar

Vamos tambem, meu amor
Por estas aguas tão calmas!..
Eu serei o remador
Alegremos nossas almas.

Mas se não queres vogar
Commigo por estas aguas,
Escuta então meu cantar
Vem consolar minhas maguas.

QUE É AMAR?...

Tu me perguntas:—«que é amar?»
Vou responder-te, querida:
—E' um delicioso penar
Que ás vezes nos tira a vida!...

—E' unir um peito a outro peito
Em languorosos anceios,
Depois imprimir com geito
Um beijo quente em uns seios!

—E' ter-te ao collo sentada
E apertando tua cintura,
Beijar tua tez namorada
Preso de goso e ventura!

Amar?... — é chegar a bocca
Nessa bocca sem resabios,
Unil-as n'uma paixão louca
Depois... estalar os labios!

RONDÓ

Nos teus olhos scintillantes
Tão brilhantes me abrazei !
Quanto amor então senti
Quando os vi, quando os mirei !

Quando os teus olhos tão lindos
Brilham, fulgem, minha Aurora,
Sua chamma me devóra
E me abraza o coração.
E' que a luz desses teus olhos
Tanto queima e arde tanto
Que lhes dá mais doce encanto
E me inunda de paixão.

Nos teus olhos scintillantes
Tão brilhantes me abrazei.
Quanto amor então senti
Quando os vi, quando os mirei.

Ha uns olhos cor do céu
Outros ha negros tambem
Mas os teus que fogo têm
Pardos são e encantadores.
Nunca vi olhos assim
Nunca os vi—te juro agora
Os teus olhos, minha Aurora
São uns olhos tentadores.

Nos teus olhos scintillantes,
Tão brilhantes, me abrazei,
Quanto amor então senti
Quando os vi, quando os mirei !

—O—

THRENOS

VERSOS ELEGIACOS

A'
saudosa memoria

DE MINHA MULHER

D MARIA JOSÉ DE A. MARCONDES



A MORTE DE MARIA

Saudade immensa — immensa solidão !

J. Bonifacio.

Como correram bellos nossos dias
Tão cheios de esperanças e doçura
Para nós tudo era uma ventura,
Flores, sonhos, prazeres, alegrias.

E tu, plena de amor e de ternura
Ternura e doce amor me repartias,
Pois, alegre, commigo tu vivias,
Jamais nos castigara a desventura!

Ai! que dores crueis eu soffro agora
Porque de mim fugiste nessa hora
Em que se espedaçou meu coração!

Morreste!... Que ficou dentro em minh'alma?
Esta dor que me punge e não se acalma:
—«Saudade immensa—immensa solidão !...

21 de Maio de 1899.

DESVENTURA

Choravas tanto e tanto padecias
Em teu leito de dores !... Lacerada,
Minh'alma,—por te ver desesperada,
Soffria ainda mais do que soffrias!

E eu tambem chorava e não sabias,
Porque occultava a lagrima chorada.
Minha dor era intensa, exasperada,
Por ver que, a pouco e pouco, tu morrias.

Quanto isto é triste e quanto é doloroso :
—Ver-se apagar a luz do olhar bondoso
Que illuminava minha vida escura!

Vejo-te morta agora! Oh! como eu sinto
Em meu peito—trevoso labyrintho,
A dor immensa desta Desventura!

21 de Maio de 1899.

NO CEMITERIO

Quero chorar, gemer na campa fria
A saudade cruel que estou sentindo.
—Dor profunda que a alma está pungindo
Tanto quanto outra dor não pungiria.

Jaz aqui minha pallida Maria
Que commigo viveu sempre sorrindo...
Quem me dera com ella estar dormindo
O somno eterno nesta campa fria!...

Não me consolem,não! Dentro do peito
—Quebrado vaso de tristonhas flores
Palpita o coração pobre e desfeito!....

Oh! eu quero chorar as minhas dores
Como Dirceu chorou—redendo preto,
A' Marilia gentil de seus amores!

1899.

SUPPLICA

Como um bando de garças exiladas
Que vão serenamente, ares em fóra,
—Assim, meu doce amor, se foram embóra
As minhas esperanças encantadas!

Pelas noites gentis, enluaradas
Scismo tanto! A saudade me devóra
E minh'alma tristonhamente chora
A illusão que lhe foi arrebatada!

E te foste também mulher querida
Em busca de outros lares de outra vida,
Sem deixar nem sequer uma esperança;

Vem buscar-me, Maria, que te espero!
Tu bem sabes, amor, quanto te quero!
—Voemos juntos á Bemaventurança!

NO TUMULO DE MARIA

POMBA EXILADA! buscaste
A solidão e outros lares.
Taciturno me deixaste
Soluçando meus pesares!

—FLOR! te soltaste do galho
Que de manso baloçou-te
Resequida, sem orvalho
Fria aragem desfolhou-te!

—ASTRO! e tû illuminaste
De minh'alma um cêo tão pulchro
Inda cedo te apagaste
Na noite deste sepulchro!

—ALMA! partiste cantando
E sorrindo pelo ethereo
Me deixaste soluçando
Sem amor e refrigerio!

ULTIMO BEIJO

Ella beijou-me, sorriu, depois... morreu!

A. Silva.

Foi na hora em que os anjos cantam hymnos
Ao Supremo Senhor—eterno Deus,
Que eu vi sumir-se a luz dos olhos teus
—Mais brilhante que os astros matutinos!

Tua alma—como archanjo, envolta em véus,
Ao som de cantos magicos, divinos,
Em côro musical de meigos trinos
Desprendia seu vôo para os céus!

Mas antes de partires, de repente
Levantaste a cabeça e um beijo ardente
Em meus labios, morrendo, deposeste!

Inda sinto, Maria, neste instante
O calor, a doçura inebriante,
Do derradeiro beijo que me déste!

A ORPHÃ E A FLOR

A' minha filha Cecilia

No jardim de minha vida
Existe uma flor mimosa
Tão debilsinha perdida !
—Sem orvalho, fenecida,
Balança a flor desditosa!

Um dia esbelta creança
Lhe disse :— « ò flor porque tremes
No galho que te embalança ? »
« Perdeste alguma esperança ? »
Conta-me, ó flor, porque gemes ? »

Responde a flor :— « Si estou triste
Si choro e gemo, è por ti !
A sorte nisto consiste :
—O meu perfume perdi
E tua mãe já não existe!...

A creança então lhe deu
Um beijo e disse :— « Si choras
Por minha mãe que morreu,
Se minha sorte deploras,
O' flor, ai ! que direi eu ? »

...
Tornou-lhe a flor : « ò menina
Não chores, não, meu amor !
Tua mãe bella e divina
De alma Santa e perigrina
Voou ao seio do Senhor ! »

Um outro beijo se ouviu
Repercutir pelo Nada.
A flor mimosa caiu
Sem perfume, desfolhada
E a creancinha... sorriu !

VERSOS Á LUA

Tu desponta faceira e majestosa
Prateando-me com luz serena e bella
E, languida, d'aqui, desta janella,
Minh'alma te contemp'a dolorosa.

Tristemente me lembro então d'aquella
Noite em que brilhavas orgulhosa.
—Eu beijava uma tez linda e mimosa
—Tu sorrias no céu serena e bella!

Adorei, sorridente, a luz brilhante
Que sobre mim e *Ella* derramaste
Naquella noite encantadora e fria!

Hoje so quero, ò Lua, ó minha amante
Que brilhes, como então, alva, brilhaste,
Na regelada campã de Maria!

Junho de 1899

NOCTURNO

PAGINA ROMANTICA

A noute desce! no ceu
«Campeia a lua serena»
Minh'alma chorando, pena,
Suspira e geme e estremece.
E o vento frio perpassa
Pelas verdes casuarinas,
Solta doces volatinas
Como a canção d'uma prece!

E eu só — chorando a saudade
Que sinto dentro em minh'alma,
Escuto com toda a calma
Essa funebre harmonia.
Uma vóz rouca e tristonha
Cantando canção maguada
Nos ares — desamparada
Se une co' a ventania!

Eu continuo a chorar,
Ninguém me vê, nem me escuta!
Começo então minha lucta
Neste vasto cemiterio.

«Consulto a mim mesmo e digo:
 — «Porque vives coração,
 Chorando nessa afflicção,
 Gemendo sem refrigerio?!»

Sobre um tumulto me debruço
 E ouço uma voz plangente.
 Escuto-a... triste, tremente
 Minh'alma ouvindo-a, se humilha!
 Escuto-a ainda!... — E' Maria
 Que me pergunta chorosa,
 De mim, de certo, saudosa:
 — «Que é feito de nossa filha?!»

Oh! Cèus, que immenso martyrio
 Eu soffro então, nesse instante!
 Tenho a alma delirante
 E sinto-a triste e abatida!
 As torturas que padeço
 São tantas!... me desespero,
 Quero morrer e não quero,
 Já não é minha esta vida!..,

Mas, eu não posso viver
 Sem Maria, minha amada
 Minh'alma desesperada
 Chora e geme noite e dia!
 Si busco um tumulto querido
 Minha filha também chora
 —Que devo fazer agora?
 Diz-me da campa, ó Maria!

Junho, 1899.

A SAUDADE

Ao Dr. Mario de Gouvêa

Tanto me punges e tanto dilacéras
 Meu coração de dores angustiado
 Que em teu pungir acerbo, despiedado
 Muitas vezes também me desespéras!

Foram-se os tempos de gentis chimèras
 Em que vivi de sonho ennamorado!
 —Quem me dêra volver esse passado
 Mais roseo do que as rosas primavêras.

Tudo fugiu-me, tudo consummou-se
 Minha propria esperança não existe,
 No mundo, para mim, tudo finou-se!

Sò tu, agra Saudade, não fugiste!
 Inda choras commigo o pranto doce
 O doce pranto delicioso... e triste!...

ABNEGADA

Leio e releio a carta que me enviaste
E que fora por ti, Maria, escripta.
Orvalhaste-a com lagrima bemdita
— Bemdita lagrima que tu a choraste.

Que infinita saudade e que infinita
Tristeza nessas linhas tu mandaste
A' minh'alma que, ò santa, captivaste
E que por ti tambem chorara afflícta.

Leio e releio a carta e a idolatro,
Bem junto ao coração maguado e atro
Guardo, ó alma, essa reliquia amada!

E' que tu, quasi morta, me escrevias
Que estavas sã e nada padecias.,
— Como eras santa e boa e abnegada!

MORTA!

Eras tão bella!... Em teu olhar formoso
Tanta piedade e tanto amor eu via.
Tua voz era um cantico harmonioso
E suave como a voz da Nostalgia!

Como uma flor, vivias perfumada
E teu perfume inebriava — ó flor!
O frio sopro de horrida nortada
Desfolhou-te e assim perdeste o olôr!

CONA
C

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).